



COLEÇÃO
MULHERES RURAIS
NO BRASIL

Mulheres na cultura do café

***Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Rondônia
Ministério da Agricultura e Pecuária***

Mulheres na cultura do café

Renata Kelly da Silva
Helena Maria Ramos Alves

Embrapa
Brasília, DF
2023

Embrapa Rondônia

Rodovia BR-364, Km 5,5, Zona Rural
Caixa Postal 127
CEP 76815-800 Porto Velho, RO
Fone: (69) 3219-5000
www.embrapa.br
www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Responsável pelo conteúdo

Embrapa Rondônia

Comitê Local de Publicações

Presidente

Pedro Gomes da Cruz

Secretário-executivo

Antônio Carlos Santana de Jesus

Membros

*Victor Ferreira de Souza, Yara Santos Cioffi,
Davi Melo de Oliveira, Wilma Inês
de França Araújo, Maurício Reginaldo Alves
dos Santos*

Responsável pela edição

Embrapa, Superintendência de Comunicação

Coordenação editorial

*Daniel Nascimento Medeiros
Nilda Maria da Cunha Sette*

Supervisão editorial

Josmária Madalena Lopes

Revisão de texto

Jane Baptistone de Araújo

Normalização bibliográfica

Márcia Maria Pereira de Souza (CRB 1/1441)

Projeto gráfico e diagramação

Carlos Eduardo Felice Barbeiro

Capa

Gabriela A. Lehmkuhl

1ª edição

1ª impressão (2023): 500 exemplares

Publicação digital (2023): PDF

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Embrapa, Superintendência de Comunicação

Silva, Renata Kelly da.

Mulheres na cultura do café / Renata Kelly da Silva, Helena Maria Ramos Alves. – Brasília,
DF : Embrapa, 2023

PDF (44 p.) : il. color. ; 16 cm x 22 cm. – (Coleção mulheres rurais no Brasil)

ISBN 978-65-5467-022-7

1. Mercado de trabalho. 2. Igualdade de gênero. 3. Sociologia rural. 4. Trabalhadora
rural. I. Alves, Helena Maria Ramos. II. Embrapa Rondônia. III. Coleção.

CDD 331.4

Márcia Maria Pereira de Souza (CRB-1/1441)

© 2023 Embrapa

Autores

Renata Kelly da Silva

Jornalista, especialista em Comunicação e Marketing, estudante de mestrado em Marketing, analista da Embrapa Rondônia, Porto Velho, RO

Helena Maria Ramos Alves

Engenheira-agrônoma, mestre em Agronomia, pesquisadora da Embrapa Café, Brasília, DF

Apresentação

Da produção à comercialização, as mulheres sempre ajudaram a pavimentar o caminho da agricultura no País, tanto para um extrativismo sustentável, como para uma agricultura produtiva. No entanto, apesar da multiplicidade de papéis que desempenham e das responsabilidades que assumem, sua participação sempre foi marcada pela invisibilidade.

Esta Coleção Mulheres Rurais no Brasil, escrita por muitas mãos, traz luz a esta questão, contextualizando a participação das mulheres na agricultura, como extrativistas, trabalhadoras e dirigentes de estabelecimentos rurais nas diferentes regiões do País, e mostrando seu envolvimento nas diferentes etapas do processo de produção, desde a primária até a de agregação de valor, assim como na representação e liderança de organizações do setor. Destaca os desafios enfrentados por elas na sucessão das propriedades e no desempenho de atividades que eram consideradas masculinas pelo senso comum. Demonstra a importância das tecnologias para otimizar a execução das tarefas, trazendo facilidade e conforto na realização das tarefas exaustivas, que necessitam esforço físico; para poupar tempo, recurso escasso para quem desempenha múltiplas tarefas, e também para assegurar a qualidade e agregar valor à produção. E, apresenta, ainda, o envolvi-

mento das mulheres na geração e difusão dessas tecnologias. Todos esses temas são evidenciados por casos reais de produtoras que atuam nessas atividades, e, assim, inspiram e enriquecem o debate acerca do valor do trabalho feminino para agricultura.

Para compor este trabalho e agregar o mosaico de assuntos, foram envolvidas diferentes Unidades da Embrapa, o que demonstra a importância e a amplitude do tema nas principais cadeias extrativistas e produtivas. É um primeiro passo para a internalização do assunto na Embrapa, de forma a orientar o delineamento das pesquisas, o desenvolvimento de tecnologias e a avaliação dos seus impactos na sociedade.

Silvia Maria Fonseca Silveira Massruhá

Presidente da Embrapa

Prefácio

As mulheres rurais são verdadeiramente as guardiãs dos sistemas agroalimentares e do desenvolvimento sustentável do campo, das águas e das florestas. Desempenham papel fundamental no sistema agroalimentar, uma vez que contribuem diretamente para a erradicação da fome, na luta pela redução da pobreza e na adaptação às mudanças climáticas. Elas exercem também importante papel na preservação da biodiversidade e garantem a soberania e a segurança alimentar e nutricional ao se dedicar a produzir alimentos saudáveis e nutritivos.

O sistema agroalimentar é entendido como um processo complexo que envolve várias etapas, como: o acesso à terra, à água e aos meios de produção; as formas de processamento, abastecimento, comercialização e distribuição de alimentos; a escolha, o preparo e o consumo dos alimentos, incluindo as práticas alimentares individuais e coletivas; e, por fim, a geração e destinação de resíduos. Esse sistema reúne diversos elementos e ações que consideram também os resultados dessas atividades, sejam eles de dimensão socioeconômica, sejam de dimensão ambiental.

Na região da América Latina e do Caribe 58 milhões de mulheres vivem em áreas rurais. No Brasil, segundo o Censo Agropecuário de 2017, 947 mil mulheres são diretamente responsáveis pela gestão de propriedades rurais e

outras 817 mil participam da gestão compartilhada, representando 1,7 milhão de mulheres na direção e codireção de estabelecimentos agropecuários. Em relação àquelas diretamente responsáveis pela gestão dos estabelecimentos rurais, a maioria está na região Nordeste (57%), seguida por Sudeste (14%), Norte (12%), Sul (11%) e Centro-Oeste, que concentra 6%.

Embora se saiba a importância das mulheres rurais nesse âmbito e as atividades que desempenham, elas ainda vivem em situação de desigualdade social, política e econômica. Têm as maiores taxas de pobreza, enfrentam dificuldades ao acessar serviços de saúde e sofrem diversas situações de violência e de insegurança alimentar e nutricional. Além disso, elas têm menos acesso a recursos produtivos, como terra, crédito e capacitação.

Visando contribuir para a mudança desse cenário, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) reconhece que alcançar a igualdade de gênero é fundamental para o cumprimento de seu mandato de um mundo livre da fome, da desnutrição e da pobreza. E ainda constata que as desigualdades persistentes entre homens e mulheres são um grande obstáculo à prática da agricultura e ao desenvolvimento rural. É fundamental a eliminação dessas disparidades, para a construção de sistemas alimentares sustentáveis e inclusivos e de sociedades resilientes e pacíficas¹.

¹ Disponível em: <http://www.fao.org/3/cb1583en/cb1583en.pdf>.

Promover a igualdade entre mulheres e homens fortalece iniciativas e ações que geram o acesso igualitário à informação, à capacitação e às oportunidades. A igualdade de gênero requer condições semelhantes entre homens e mulheres no processo de tomada de decisões; no exercício dos direitos humanos; no acesso a recursos e benefícios de desenvolvimento, bem como na administração das propriedades e nas oportunidades no local de trabalho, e também em todos os aspectos relacionados aos meios de subsistência. Ademais, é importante promover a igualdade de gênero de uma perspectiva interseccional, reconhecendo que as mulheres rurais são afetadas por diversas formas de discriminação, como a discriminação de gênero, raça e etnia.

Nesse contexto, a Coleção Mulheres Rurais do Brasil representa uma etapa inovadora, pois traz uma abordagem que leva em consideração as diferentes experiências e necessidades das mulheres rurais em suas diversas realidades. É importante contribuição da Embrapa e do Brasil para o alcance das metas propostas pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em que 30 delas estão relacionadas à igualdade de gênero, bem como das metas da Década da Agricultura Familiar (2019-2028).

Úrsula Andressa Morais Zacarias
Ponto Focal de Gênero da FAO no Brasil

Sumário

- 13** Introdução
- 16** Mulheres na cafeicultura
- 18** A força de movimentos coletivos
- 21** Protagonismo feminino
- 28** Inclusão social na Amazônia
- 32** Oportunidade, reconhecimento e protagonismo
- 34** Mais oportunidade de trabalho às mulheres trabalhadoras rurais
- 36** É preciso avançar mais
- 40** Desafios e perspectivas
- 41** Referências
- 42** Literatura recomendada

Introdução

O Brasil é o maior produtor, exportador e o segundo maior mercado consumidor de café do mundo. De acordo com dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o País detém 35% do mercado mundial do grão, com uma produção na safra 2021 de 47 milhões de sacas de 60 kg beneficiadas (Conab, 2021).

Esta cultura agrícola é de grande importância econômica e social para o Brasil. Além de gerar emprego e renda para milhares de famílias brasileiras, o grão é exportado para mais de 120 países de todos os continentes. Segundo o Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), o País exportou quase 40 milhões de sacas de 60 kg de café e obteve uma receita cambial recorde de pouco mais de US\$ 8 bilhões na safra 2021/2022 (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil, 2022).

O Brasil possui uma diversidade única de aromas e sabores de cafés, graças ao cultivo que é distribuído de Norte a Sul do País, nas mais de 30 regiões produtoras e com cultivos tanto da espécie *Coffea arabica* (74%) como da *Coffea canephora* (26%) – variedades botânicas Robusta e Conilon. Essa produção é realizada em uma área de cerca de 1,8 milhão de hectares, em que 77,7% são de cafeicultura de base familiar (IBGE, 2019). Os principais estados produtores de café do País são, respectivamente, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Bahia e Rondônia (Conab, 2021).

Esses dados demonstram a expressividade da produção cafeeira do Brasil, sua importância socioeconômica e sua diversidade. Além da alta produção, o Brasil tem se destacado cada vez mais na diferenciação de seus cafés, com foco na qualidade da bebida. Uma amostra disso é que, até o momento, o café é o produto com o maior número de Indicações Geográficas (IGs) registradas no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi), num total de 14, sendo a Indicação de Procedência (IP) e cinco Denominações de Origem (DO). Esse registro reconhece a qualidade e a origem de um produto considerado único por suas características, que se vinculam à região, ao clima, ao solo, ao relevo, à cultura e aos fatores humanos envolvidos em seu preparo.

As mulheres sempre tiveram importante papel na agricultura, e na cafeicultura não é diferente. Elas estão presentes em todas as etapas de produção e em todos os setores do sistema agroindustrial do café: são dirigentes de estabelecimentos rurais, trabalhadoras rurais, comercializam, exportam, estão na indústria, são baristas – especialistas no preparo de bebidas com café –, pesquisadoras, extensionistas, comunicadoras, entre outras tantas atividades que envolvem esse produto, do campo à xícara.

Apesar de ativas na cafeicultura, as mulheres ainda enfrentam dificuldades, especialmente no que se refere ao acesso a terras, implementos, financiamentos, mercados, capacitações e assistência técnica, bem como ao reconhecimento e à visibilidade.

Mesmo atuando em diferentes áreas desse setor, as mulheres compartilham a realização de diversas atividades e papéis comuns ao longo do dia: o de serem mulheres, mães, donas de casa, esposas e filhas de pessoas idosas que demandam cuidados, entre outros que estão aliados às barreiras de gênero que afetam diretamente a credibilidade, o rendimento financeiro e o acesso aos processos decisórios.

A superação desses desafios passa por questões primárias como saber quem são essas mulheres, onde estão, o que fazem e como atuam. Assim, o primeiro passo é conhecer a realidade das mulheres para pensar, de forma conjunta, em como vencer os desafios e alcançar maior equilíbrio entre mulheres e homens no setor agropecuário.

Essa preocupação está bem marcada na Agenda 2030, um documento assinado por 193 países, incluindo o Brasil, com um plano de ação para que o mundo alcance o desenvolvimento sustentável até 2030 a partir de 17 objetivos. Nessa Agenda, o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5¹) é aquele voltado às mulheres do mundo, incluindo aquelas que vivem no campo. Mas as mulheres

¹ ODS 5 – Meta 5.a - Realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, serviços financeiros, herança e os recursos naturais, de acordo com as leis nacionais.

também são citadas em outros, como no ODS 2² (Fome Zero e Agricultura Sustentável).

O Brasil tem avançado nessas ações, buscando obter informações sobre as mulheres. Existem diversas iniciativas de instituições, entidades públicas e privadas, além de grupos de organização da sociedade civil voltados para mulheres que estão quebrando barreiras de gênero, oferecendo oportunidades, visibilidade, reconhecimento e protagonismo às mulheres em todo o País.

Mulheres na cafeicultura

Uma das mais completas investigações sobre a agropecuária é o Censo Agropecuário realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado desde 1920. No entanto, dados sobre a atuação das mulheres nesse cenário são conquistas recentes e que precisam avançar.

² ODS 2 - Meta 2.3 - até 2030, dobrar a produtividade agrícola e a renda dos pequenos produtores de alimentos, particularmente das mulheres, povos indígenas, agricultores familiares, pastores e pescadores, inclusive por meio de acesso seguro e igual à terra, outros recursos produtivos e insumos, conhecimento, serviços financeiros, mercados e oportunidades de agregação de valor e de emprego não agrícola.

Os dados do último Censo Agropecuário realizado pelo IBGE (2019) mostraram mais de 40 mil estabelecimentos agrícolas brasileiros cuja produção de café é dirigida por mulheres. Ainda assim, são apenas 13,2% dos 304,5 mil existentes.

A maior parte desses estabelecimentos dirigidos por mulheres (72% do total) está na região Sudeste, onde se encontram 29 mil propriedades, as quais se localizam principalmente nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Em segundo lugar, está o Nordeste com quase 6 mil estabelecimentos que produzem café sob a direção de mulheres, representando 14% do total, basicamente todos no estado da Bahia. Em terceiro lugar, vem a região Norte, com cerca de 3 mil estabelecimentos dirigidos por mulheres, representando 8% do total, a maioria em Rondônia, mas também em Tocantins e no Pará. As regiões Sul e Centro-Oeste possuem o menor número de estabelecimentos dirigidos por mulheres, representando, respectivamente, apenas 4% e 2% do total (Figura 1).

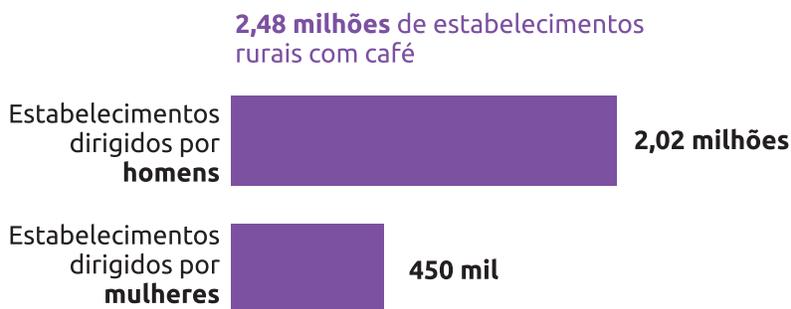


Figura 1. Propriedades de café dirigidas por mulheres nas diferentes regiões do Brasil.

Fonte: Alves et al. (2020).

Além daquelas que dirigem a propriedade, há também um contingente importante de mulheres (48.100) na cafeicultura que está na condição de codirigente dos estabelecimentos rurais. A codireção é uma condição em que ao menos parte das atividades realizadas no estabelecimento tem decisões tomadas por ambos os cônjuges, que juntos decidem o que fazer, quando fazer e como fazer. Dessa forma, ao todo, havia 88.700 mulheres na direção ou na codireção de propriedades com café no País em 2017.

A força de movimentos coletivos

Na última década, diversas iniciativas voltadas para a causa feminina no setor do café têm surgido. São associações, cooperativas, grupos formais, informais e movimentos da sociedade civil organizada em busca de equidade, acesso às oportunidades, mais visibilidade e reconhecimento para a atuação das mulheres na cafeicultura como um todo.

Uma das organizações com esse fim é a Aliança Internacional das Mulheres do Café – a IWCA Brasil. Trata-se de um capítulo da International Women’s Coffee Alliance (IWCA), organização sem fins lucrativos que foi criada em 2003 a partir do encontro de mulheres da indústria do café dos Estados Unidos com produtoras de café na Nica-

rágua. Atualmente, existem mais de 20 capítulos em países de todo o mundo e diversos outros já manifestaram a intenção de criar os seus.

O capítulo brasileiro da IWCA foi criado em 2012 e conta com nove subcapítulos em todas as regiões produtoras de café do País. É uma rede formada por mulheres envolvidas em toda a cadeia do negócio café – do grão à xícara –, que promove conexão e troca de experiências e conhecimentos; inspira e fortalece as mulheres por meio do acesso a treinamentos e informações; defende a redução de barreiras para as mulheres, proporcionando acesso a mercados; representa as mulheres em instâncias nacionais e internacionais; e torna visível o papel das mulheres envolvidas no negócio café.

A criação da IWCA Brasil e a visibilidade dada a essa organização inspiraram diversas outras ações pelo Brasil. As mulheres estão se organizando e unindo forças para quebrar barreiras e superar desafios, especialmente os ligados às questões de gênero. Elas estão organizadas em associações, cooperativas, movimentos mais amplos voltados ao agro como um todo, ou mesmo em grupos informais nas redes sociais que integram mulheres de regiões e atividades específicas e de diversos locais do Brasil.

Os processos de transformação em curso nas cooperativas envolvem várias ações: oferecer às mulheres alternativas de diferenciação no valor pago para que se associem às cooperativas; aumentar o número de mulheres que fazem parte de conselhos de administração, fiscal e con-

sultivo mediante capacitações específicas para esse fim; inserir ações voltadas para as mulheres no planejamento estratégico das cooperativas; estruturar núcleos femininos com o objetivo de integrar e fortalecer a participação das mulheres; facilitar a participação das mulheres em congressos, feiras e eventos; incentivar a comercialização do café produzido por elas com valor agregado; efetuar missões técnicas, palestras motivacionais, intercâmbio com mulheres de outras cooperativas; promover capacitações sobre qualidade do café, gestão, liderança e sucessão da propriedade, colheita e pós-colheita de café, com foco específico para as mulheres; montar salas de provas e *cupping* nas cooperativas visando às capacitações; oferecer consultoria técnica especializada para esse público, aumentando o número de funcionárias mulheres, incluindo engenheiras-agrônomas e demais profissões; fomentar programas técnicos de incentivo à tecnologia específicos para as mulheres; premiar, anualmente, cafeicultoras que apresentem cafés com qualidade superior e também histórias de destaque relacionadas à cafeicultura.

Esses são alguns exemplos de esforços voltados a fortalecer a participação feminina na cafeicultura. Ações como essas fomentam fóruns de discussão nos quais ocorrem trocas de experiências e soma de esforços por objetivos comuns, sendo espaços propícios também à proposição de reformulação ou de novas políticas públicas voltadas para as mulheres. A visibilidade, o reconhecimento e o protagonismo de mulheres que se destacam em suas áreas de

atuação se tornam inspiração, abrindo portas e dando voz às outras mulheres.

Adiante são apresentadas algumas ações que têm colocado em evidência a mulher na cafeicultura brasileira. Destacam-se o papel de veículos de comunicação voltados ao setor da agropecuária, de empresas com propósitos sociais e o papel das redes sociais, que têm facilitado o acesso e a conexão entre os mais diversos públicos, conferindo visibilidade ao trabalho e às muitas ações antes invisibilizadas.

Protagonismo feminino

Com a união de forças e os avanços de ações em prol da equidade e das mulheres que atuam no setor do café brasileiro, tem se tornado mais comum vê-las em destaque no cenário nacional. Elas representam milhares de outras mulheres que têm histórias inspiradoras e que merecem ser reconhecidas como tal, minimizando séculos de invisibilidade.

As reportagens do portal Forbes Agro são um exemplo disso. A equipe do portal tem divulgado levantamentos do setor e colocado em destaque mulheres que atuam na agropecuária brasileira, assim como movimentos e associações que integram essas mulheres, apontando forte atuação dessas ações nas redes sociais. Cabe destacar que, nas listas divulgadas em 2021 e 2022 pela Forbes Agro,

estão incluídas não só gestoras de grandes propriedades rurais, mas também produtoras de base familiar e mulheres das mais diversas profissões que têm feito a diferença no setor do café.

Em 2021, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher Rural (15 de outubro), a Forbes Agro apresentou uma lista das 100 Mulheres Poderosas do Agro (Forbes, 2021). Entre elas estavam nove mulheres que atuam na cafeicultura brasileira – pequenas, médias e grandes produtoras –, assim como outras profissionais do setor.

Em 2022, também em comemoração ao Dia Internacional da Mulher Rural, o portal Forbes Agro divulgou uma lista com os 50 Grupos de Mulheres do Agro Brasil (Forbes, 2022), mencionados como comunidades inspiradoras espalhadas por todo o País.

Do campo à gestão

O reconhecimento inspira e fortalece a atuação das mulheres. Além da Forbes, outras instituições, empresas e organizações têm promovido o trabalho de mulheres na cafeicultura. É o caso da obra de arte denominada Colheita. Em 2022, a cidade de São Paulo foi presenteada com um painel que representa a colheita do café, cuja protagonista é uma mulher: Lucimar Silva (Figura 2). A obra chama a atenção, pois tem 25 m de comprimento por 10 m de largura, e está exposta em um prédio na Rua Pedroso de Moraes, 808, no bairro de Pinheiros.

Mulheres do café

Ana Carolina Gomes: Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio; coordenadora do Programa Café + Forte, iniciativa da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (FAEMG), onde atua.

Carmem Lucia Chaves de Brito: Produtora de café em Três Pontas, MG. Em 2015, foi a primeira mulher a assumir a diretoria do conselho da Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA), entidade que promove o grão do País no mundo.

Carolina Alckmin: Farmacêutica que produz cafés na região da Mantiqueira, em Minas Gerais. Atua na gestão de duas fazendas.

Cinara Libéria Pereira Neves: Doutora em Fitotecnia na área de Cafeicultura e presidente do Congresso Brasileiro de Floricultura e Plantas Ornamentais. Atua com pesquisas em produção e qualidade de sementes de espécies florestais.

Cintia de Matos Mesquita: Produtora de café na região das Matas de Minas. Atuou como presidente da Aliança Internacional das Mulheres do Café (IWCA Brasil), de 2017 a 2021.

Ediana Capich: Produtora de cafés especiais em Rondônia, em produção de base familiar, campeã de diversos concursos de qualidade, tanto estaduais quanto nacionais. Faz parte de um dos movimentos mais ativos nos dias atuais: o das Mulheres do Café de Rondônia.

Flavia Barbosa Paulino da Costa: Diretora-executiva da exportadora mineira de café Guaxupé, secretária do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé). Única mulher na equipe da presidência da entidade.

Isabela Pascoal Becker: Diretora de sustentabilidade da Daterra Coffee, no Cerrado Mineiro, desde 2003. Entre as fazendas de café, foi a primeira do País a receber o certificado da Rainforest Alliance e a obter o ISO 14001.

Tatiana Peebles: Comanda a Yaguara Ecológico, no Agreste de Pernambuco, uma propriedade que produz café, mel e presunto cru.

Grupos de mulheres que atuam na cafeicultura no Brasil

Agro Batom: As cafeicultoras do Sul de Minas Gerais (Elvira Alice, cuja propriedade localiza-se em Alfenas, e Mariza Contreras, de Areado) criaram o grupo fechado em um aplicativo de mensagens há 3 anos, em um terreiro de café, durante um encontro de produtores. Hoje são 258 mulheres, entre produtoras, baristas, exportadoras, técnicas e comerciantes, que trocam informações e experiências sobre a atividade.

Aliança Internacional das Mulheres do Café (IWCA Brasil): O grupo nasceu em 2012, ligado à International Women's Coffee Alliance (IWCA Global). Hoje, há 22 países integrados.

AMEcafé Mantiqueira: A Associação de Mulheres Empreendedoras de Café da Serra da Mantiqueira nasceu em 2017, tendo, na época, 28 mulheres. Hoje são 80 integrantes, entre catadoras, produtoras e proprietárias da agricultura familiar de municípios da Serra da Mantiqueira, em Minas Gerais. Nasceu para evidenciar o trabalho feminino, desde o cultivo até o comércio de grãos premium e a criação de marcas. Há encontros e cursos regulares, além da presença nas redes sociais.

Cerejas do Café: Em 2018, 10 cafeicultoras criaram um grupo em um aplicativo de mensagens, o qual se tornou uma associação há cerca de 1 ano. Atualmente, a associação conta com 270 mulheres e tem como presidente a produtora Laís Peixoto Faleiros, de Ibiraci, MG, região próxima à Alta Mogiana, em São Paulo, onde está a maior parte das associadas. O grupo promove um concurso anual e diversas ações de capacitação e formação.

Mulheres Empreendedoras do Café: Em 2018, quatro cafeicultoras de Santa Rita do Sapucaí, na região da Serra da Mantiqueira Mineira, criaram um grupo em um aplicativo de mensagens. Atualmente, o grupo conta com 99 mulheres e é coordenado pela produtora Daniele Alckmin. O grupo está em processo de formalização para se tornar uma associação voltada à formação profissional, pessoal e comercial, principalmente de grãos especiais.

Mulheres do Café de Rondônia: O grupo foi criado em 2017 pela jornalista Renata Kelly da Silva, após colaborar com um capítulo sobre Rondônia no livro *Mulheres dos Cafés no Brasil* (Arzabe et al., 2018), publicado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e pela IWCA Brasil. Além de realizar e participar de eventos, o grupo mantém uma conta em um aplicativo de mensagens com cerca de 100 integrantes, que trocam informações sobre a produção do grão e tem atuação nas redes sociais.



Fotos: Pedro Ricci

Figura 2. Lucimar Silva: protagonista da obra de arte denominada Colheita.

O mural gigante da Lucy, como é conhecida, foi produzido pelo artista Eduardo Kobra. A obra é uma ação de uma empresa de café e traz Lucimar como destaque. Ela tem mais de 20 anos de atuação na cafeicultura da região do Cerrado Mineiro. Sua trajetória na cafeicultura iniciou-se na colheita aos 14 anos. De lá para cá, ela aliou os estudos ao progresso no trabalho. Passou por todas as fases da produção de café, desde a lavoura até os setores administrativos do Guima Café, que é composto por duas fazendas do Grupo BMG. Atualmente, Lucy é gestora dessas fazendas, que produzem cafés com qualidade e sustentabilidade, tanto para o mercado interno como externo, sendo referência no setor.

No comando da Organização Internacional do Café

Vanusia Nogueira, brasileira, filha e neta de produtores, foi eleita e assumiu a direção-executiva da Organização

Internacional do Café (OIC) em 2022 e deve permanecer pelo mandato de 5 anos. Ela atua há 25 anos no setor e, antes de assumir esse cargo, foi diretora-executiva da BSCA, integrante do Conselho Nacional do Café, da Rainforest Alliance, da Alliance for Coffee Excellence, da Specialty Coffee Association, entre outras atividades relevantes. É a primeira mulher a liderar a Organização Internacional do Café (Figura 2).

Foto: XXXXXXXXXXXXXXX



Figura 3. Vanusia Nogueira: primeira mulher a liderar a Organização Internacional do Café (OIC).

Em seu comunicado de posse, ela disse que pretende atuar em questões prioritárias, como renda próspera e bem-estar para cobrir custos e possibilitar uma vida digna aos produtores. De igual forma, almeja ampliar a transparência do mercado, propor e implementar políticas globais de financiamento, com foco na produção e no fornecimento sustentáveis, bem como no consumo responsável.

Em prol dos coletivos femininos

Josiane Cotrim Macieira é de Manhumirim, Minas Gerais, filha e neta de cafeicultores (Figura 4). Conheceu a IWCA

Foto: Zuleika Souza



em 2009, durante um evento internacional sobre café na Nicarágua. Esse coletivo internacional busca aproximar as mulheres de todo o sistema agroindustrial do café, promovendo oportunidades para todas. Considerando

Figura 4. Josiane Cotrim Macieira, fundadora e primeira presidenta da IWCA Brasil.

uma ótima chance para as mulheres cafeicultoras brasileiras, Josiane empenhou-se em formatar um capítulo no Brasil. A partir de seus esforços e sua capacidade de conectar pessoas, em 6 de outubro de 2011, 60 mulheres ligadas ao negócio do café se reuniram em São Paulo durante o *6º Espaço Café Brasil*, quando foram definidas a missão e a visão do capítulo IWCA Brasil. No dia 8, uma carta de intenções foi assinada e encaminhada à presidência da IWCA Global, na qual se afirmava que as brasileiras estavam mobilizadas e prontas para criarem o capítulo nacional da IWCA. Em novembro, em Belo Horizonte, foi eleita a primeira diretoria da IWCA Brasil, tendo como presidente Josiane Cotrim Macieira, sua fundadora. Entre muitos resultados, a IWCA Brasil publicou, junto com a Embrapa, o livro *Mulheres dos Cafés no Brasil* (Arzabe et al., 2018), um esforço que contou com forte empenho de Josiane, uma de suas editoras técnicas. Desde então, outros subcapítulos da IWCA e movimentos inspirados nesse coletivo surgiram em todo o País.

Inclusão social na Amazônia

Na região amazônica, mais especificamente em Rondônia, que representa mais de 90% do café produzido no bioma, as mulheres têm conquistado o protagonismo e

colocado a cafeicultura do estado em destaque no País. Pode-se dizer que esse avanço no destaque feminino teve início em 2017, com o surgimento do Movimento das Mulheres do Café de Rondônia, por iniciativa da jornalista Renata Kelly da Silva, após sua colaboração para o livro *Mulheres dos Cafés no Brasil* (Embrapa/IWCA Brasil). Trata-se de um movimento formado por mulheres voluntárias, sem fins lucrativos, sem vínculos políticos, partidários ou com instituições ou empresas. Tem como foco ações voltadas para sensibilização, visibilidade, reconhecimento, capacitação e geração de oportunidades. Para isso, conta com o apoio da Embrapa Rondônia e de outras instituições do estado, bem como de organizações, como a IWCA Brasil e a ONU Mulheres.

As atividades são direcionadas para a melhoria da qualidade dos cafés produzidos em Rondônia, que são da espécie *C. canephora* (variedades Robusta e Conilon), denominados Robustas Amazônicas. Essa região produtora foi reconhecida em 2021 como Denominação de Origem da Região Matas de Rondônia. Além da qualidade de seus cafés, destaca-se a sustentabilidade, pois foi a primeira IG de cafés da espécie *C. canephora*, do tipo Denominação de Origem, sustentável do mundo.

Esse reconhecimento conta com a participação das mulheres do café, que têm papel fundamental no processo delicado e caprichoso da produção de cafés de qualidade.

Cabe mencionar que a cafeicultura rondoniense tem grande impacto econômico e social. Atualmente, o estado

possui cerca de 17 mil famílias que atuam na cafeicultura, cujas propriedades têm em média de 4 ha a 5 ha. A produção de cafés com qualidade e o reconhecimento por meio de concursos de qualidade do café, tanto estaduais como nacionais, têm proporcionado agregação de valor ao produto, mais renda e qualidade de vida para a família, dando visibilidade ao protagonismo da mulher nessa atividade.

Desde o início do Movimento das Mulheres do Café de Rondônia, muitas conquistas são contabilizadas por meio da inclusão das mulheres na cafeicultura, as quais deram a elas visibilidade, reconhecimento e oportunidades. São mulheres de todas as idades, áreas de atuação e etnias (brancas, negras e indígenas). Todas são representantes de uma cafeicultura de base familiar e inclusiva.

- **2018:** pela primeira vez, o café produzido por uma mulher (Suzi Aparecida) foi classificado entre os dez melhores no concurso estadual de qualidade do café – Concafé.
- **2019:** Pela primeira vez uma mulher (Poliana Perrut) foi campeã do Concafé. Ainda nesse ano, a indígena Diná Suruí venceu a primeira edição do concurso Tribos, realizado por uma empresa de café, por meio de um projeto de cunho social, voltado para a produção de cafés com qualidade, sustentabilidade e com protagonismo dos indígenas de Rondônia.
- **2020:** Duas mulheres, Luciana Franklin e Maria Cantuário, conquistaram, respectivamente, o primeiro e o segundo lugar no Concafé. Também nesse ano, Ediana Ca-

pich levou pela primeira vez para Rondônia o primeiro lugar de melhor café canéfora de fermentação induzida, premiação nacional no Coffee of the Year (COY).

- **2021:** As mulheres do café de Rondônia ganharam destaque nacional para a cafeicultura do estado com Poliana Perrut e Alessandra Inácio, que conquistaram o primeiro e o segundo lugar, respectivamente, no COY. As mulheres indígenas também foram incluídas nas conquistas. Em 2021, Alessandra Makurap e Melissa Suruí conquistaram o terceiro e o quinto lugar no concurso Tribos, representando as mulheres e seu povo. Também nesse ano, Ediana Capich conquistou o terceiro lugar no Concurso Nacional Abic de Qualidade do Café (canéfora). As conquistas de Ediana a colocaram em destaque nacional, visto que foi mencionada pela Forbes Agro como uma das 100 mulheres mais influentes do agro brasileiro, assim como o Movimento das Mulheres do Café de Rondônia.
- **2022:** A cafeicultora Maria da Silva Aruá, casada com o indígena Valdir Aruá e residente da Terra Indígena Rio Branco, no município de Alta Floresta D'Oeste, conquistou o quarto lugar no Concafé. No mesmo ano, Ângela Coutinho ficou em segundo lugar no Concurso Nacional Abic de Qualidade do Café (canéfora). Ainda em 2022, outras três mulheres foram premiadas nacionalmente, por meio de um projeto social realizado por uma empresa de café, o qual é detalhado em seguida.

Oportunidade, reconhecimento e protagonismo

A produção de cafés com qualidade tem aberto muitos espaços para as mulheres em todo o Brasil e nas mais diferentes áreas do setor. São diversas as iniciativas de comércio justo, com comercialização de cafés produzidos por mulheres, acesso a capacitações e espaços diferenciados. Entre elas, menciona-se o projeto e o concurso Florada, realizados pela maior empresa de cafés do Brasil.

A ação teve início em 2018. Trata-se de um projeto exclusivo para as mulheres cafeicultoras, cujos pilares são os seguintes: 1) oferecer acesso às melhores práticas na produção de cafés especiais, por meio do programa de capacitação gratuito Florada Educa; 2) reconhecer e valorizar os raros microlotes cultivados por elas, ao promover o Concurso Florada Premiada; e 3) conectar quem produz com quem consome, uma vez que proporciona ao consumidor, por meio da campanha Junte-se a Elas, a oportunidade de fazer parte da ação. O projeto garante que, a partir da venda dos microlotes na linha de produtos Rituais – Microlotes Raros, 100% do lucro retorne para as cafeicultoras. A linha possui embalagens personalizadas que contam a história individual da produtora, apresentam as caracterís-

ticas singulares de cada bebida e permitem rastreabilidade total.

Esse ciclo sustentável do Projeto Florada foi reconhecido e tornou-se campeão em duas importantes premiações: Prêmio da ONU – ODS Rede Brasil do Pacto Global, que fez com que a experiência fosse depositada na sede da ONU, em Nova Iorque, tornando-se referência de boas práticas, e Prêmio Whow!, que reconhece inovações disruptivas e com grandes repercussões positivas.

Em 2022, esse projeto foi ampliado, incluindo as mulheres cafeicultoras que produzem cafés da espécie *C. canephora*. Dessa forma, o concurso Florada Premiada de 2022 tornou-se o maior do mundo feito para mulheres, incluindo as que produzem cafés tanto da espécie arábica quanto da espécie canéfora de todo o Brasil.

Na premiação de 2022, as três primeiras colocadas foram de Rondônia e representaram a cafeicultura de base familiar: em primeiro lugar, Norma Santos; em segundo lugar, Inglescivania dos Santos; e em terceiro lugar, a indígena Mapirlacobar Solange Suruí. As premiações soma-

Qualidade – substantivo feminino!

A produção de cafés com qualidade e de cafés especiais demanda atenção aos detalhes, capricho, dedicação, paciência e persistência. É um processo que envolve muitas variáveis especialmente na colheita e pós-colheita.

Qualidade é, antes de tudo, substantivo feminino. E isso começa a ficar cada vez mais claro quando se acompanha o processo de evolução da qualidade dos cafés brasileiros. É comum vermos nas histórias das famílias produtoras a participação ativa das mulheres nesse processo.

A sutileza, a atenção aos detalhes e a sensibilidade são características que as mulheres têm na vida e que também estão aplicando, com sucesso, na cafeicultura.

ram mais de R\$ 70 mil, incluindo viagem à Colômbia para a campeã, com acompanhante, para uma visita técnica.

Os exemplos mencionados até aqui ilustram apenas algumas das ações que estão ganhando força em prol da equidade de gênero no Brasil, demonstrando avanços na Agenda 2030, especialmente quanto ao ODS 5.

A seguir, são apresentados dados de uma pesquisa inédita que mostra a participação de mulheres na cafeicultura. Esses dados foram extraídos do último Censo Agropecuário, realizado em 2017 pelo IBGE, que, pela primeira vez, trouxe informações sobre gênero na produção do café. A análise foi elaborada pelas pesquisadoras Helena Maria Ramos Alves, da Embrapa Café; Cristina Arzabe, da Superintendência de Estratégia da Embrapa; e Margarete Marin Lordelo Volpato, da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), com apoio de Marcelo Oliveira, do IBGE.

Mais oportunidade de trabalho às mulheres trabalhadoras rurais

Ressalta-se que, nos estabelecimentos dirigidos por mulheres, há maior equidade de gênero quando se trata

do pessoal ocupado: 43% do contingente é do sexo feminino. No caso de estabelecimentos dirigidos por homens, a porcentagem de mulheres ocupadas é bem inferior: apenas 24% do total (Figura 5). Esse dado sugere que as mulheres dirigentes tendem a abrir mais oportunidades de trabalho para suas congêneres, em um movimento “elas por elas”. No entanto, a participação de todos, incluindo os homens dirigentes, é fundamental para que haja uma real transformação com participação equitativa dos espaços de trabalho e atenção às diferentes necessidades de cada grupo. Essa união beneficiará a sociedade como um todo, tanto no âmbito social, como no político e no econômico.

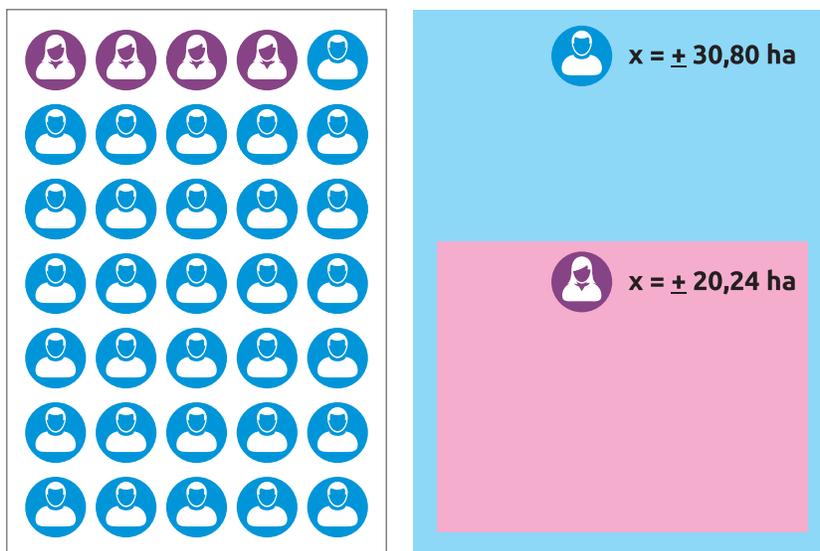


Figura 5. Em 2017, nos estabelecimentos dirigidos por mulheres, havia maior equidade de gênero entre o pessoal ocupado.

Fonte: IBGE (2019).

É preciso avançar mais

São muitas as conquistas para as mulheres que atuam no setor do café brasileiro nos últimos anos, mas é preciso avançar mais. É preciso viabilizar maior produtividade agrícola e renda às mulheres, inclusive por meio de acesso seguro e igual à terra, outros recursos produtivos e insumos, conhecimento, serviços financeiros, mercados e oportunidades de agregação de valor.

Mulheres cafeicultoras – menos acesso à terra e aos meios de produção em 2017

O acesso à terra é condição fundamental para o desenvolvimento da atividade produtiva e, no caso das mulheres, para garantir sua autonomia. O Censo Agropecuário de 2017 mostrou que as mulheres cafeicultoras eram responsáveis por um número menor de propriedades rurais. O número de estabelecimentos dirigidos por homens (264.200) era 6,5 vezes maior que o de estabelecimentos dirigidos por mulheres. Outra forma de desigualdade no acesso à terra pelas mulheres é o fato de serem responsáveis por unidades menores. A área média dos cafeicultores, igual a 30,8 ha, representava 1,5 vez a área média daqueles estabelecimentos dirigidos por cafeicultoras, o equivalente a 20,24 ha (Figura 6). Esse padrão também foi observado em outros países (FAO, 2011).

A mecanização nas atividades produtivas, ou seja, com a presença de sistemas de irrigação ou de tratores nos estabelecimentos agropecuários, aponta para a participação nos circuitos monetários da economia. Observa-se que,

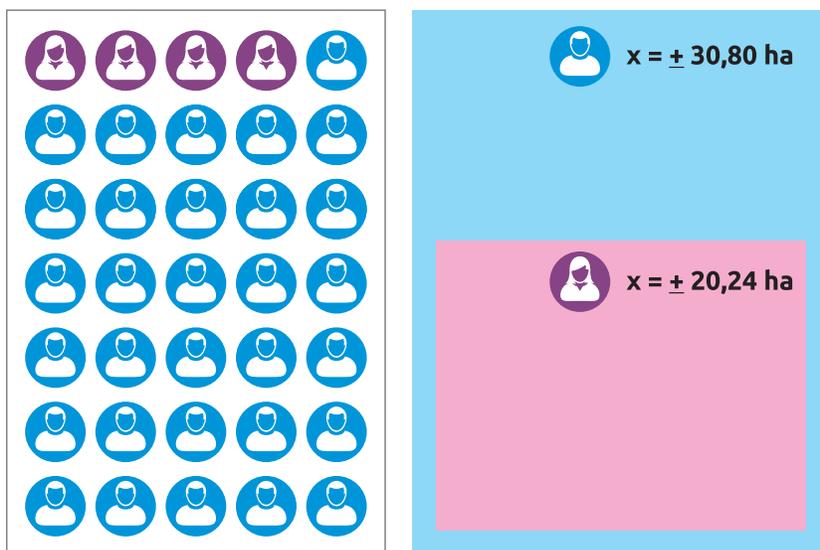


Figura 6. Em 2017, a cada 30 estabelecimentos que produzem café, apenas 4 eram dirigidos por mulheres. A área média dos estabelecimentos dirigidos por cafeicultores era cerca de 1,5 vez maior que a área média daqueles dirigidos por cafeicultoras.

Fonte: IBGE (2019).

embora 13% dos dirigentes, em 2017, fossem mulheres, apenas 10% dos estabelecimentos possuíam sistemas de irrigação, 8,5% possuíam veículos e 6,5% possuíam tratores (Figura 7). Isso demonstra que as mulheres eram ainda mais sub-representadas nesses segmentos.

Mulheres cafeicultoras – menos participação nas cooperativas e menos

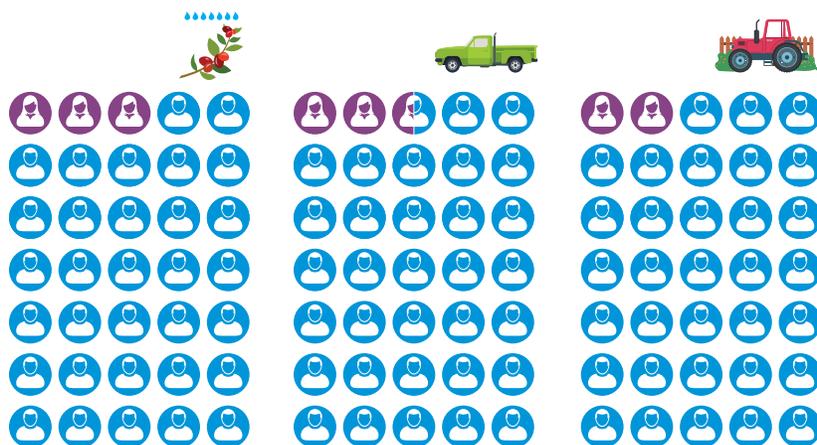


Figura 7. Em 2017, entre os estabelecimentos que produziam café, a cada 30 com irrigação, 3 eram dirigidos por mulheres; a cada 30 com veículos, apenas 2,5; e a cada 30 com tratores, apenas 2.

Fonte: IBGE (2019).

acesso à orientação técnica em 2017

No que se refere à participação em atividades associativas, como cooperativas, também se encontram diferenças expressivas entre o grupo feminino e masculino. Pouco mais de 11% das mulheres são cooperadas; entre os homens, o valor era mais que o dobro (22,5%), segundo os dados do Censo Agropecuário de 2017. Desse modo, a representatividade feminina entre o total de cooperados é baixa: igual a 7%. Quanto ao acesso dos cafeicultores às

informações técnicas, o grupo feminino apresentava valores menores que os do grupo masculino. Entre os homens, 18,2% participaram de reuniões técnicas e seminários, enquanto apenas 13,3% das mulheres o fizeram. O acesso a informações via internet também foi menor entre as mulheres (13,1%) do que entre os homens (16%). Os valores maiores para as mulheres só ocorreram no grupo daqueles que não obtiveram informações técnicas: 23,6% das mulheres não tiveram acesso, enquanto entre os homens a percentagem foi de 17,9% (Figura 8).



Figura 8. Percentagem de participação de mulheres e homens em cooperativas e percentagem de indivíduos sem acesso a informações técnicas.

Fonte: IBGE (2019).

Desafios e perspectivas

Ações de enfrentamento são necessárias para que se promova o fortalecimento das mulheres como agricultoras. As desigualdades em relação ao acesso à terra e aos meios de produção, à participação em cooperativas e ao acesso à orientação técnica, ao crédito, aos mercados e aos postos de gestão, entre outras, precisam ser explicitadas para que os esforços sejam realizados e compreendidos e a equidade seja alcançada.

Linhas de crédito específicas para mulheres, capacitação de agricultoras, apoio ao acesso a mercados e a projetos de extensão rural voltados para elas são alguns dos esforços necessários. Vale ressaltar importantes ações desenvolvidas pelas cooperativas e associações: inserir no planejamento estratégico ações voltadas para as mulheres e estruturar núcleos femininos com o objetivo de integrar e fortalecer a participação das mulheres. É preciso aprofundar a análise da realidade da mão de obra feminina nesta cadeia produtiva e criar meios para que o Estado, a sociedade e os dirigentes dos estabelecimentos rurais possam melhorar suas condições de trabalho e de vida.

Além dos dados fornecidos pelos Censos Agropecuários do IBGE, outros podem ser coletados em órgãos como: Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), Conab, Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic) e sindicatos rurais. Um ponto

importante é que as bases de dados estejam desagregadas por gênero, para permitir verificar como as mulheres estão avançando nos diferentes setores do sistema.

Políticas públicas integradas e esforços institucionais devem ser realizados para oportunizar o acesso das mulheres rurais (sejam elas dirigentes ou parte do pessoal ocupado) a bens e serviços para o alcance de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Referências

ALVES, H. M. R.; ARZABE, C.; OLIVEIRA, M. S.; VOLPATO, M. M. L. **Mulheres cafeicultoras**: censo agro 2017. Brasília, DF: Embrapa Café, 2020. 1 fôlder.

ARZABE, C.; MACIEIRA, J. C.; MENEZES, R. S. S.; BALIZA, D. P.; MOURÃO, T. F. (ed.). **Mulheres dos cafés no Brasil**. Brasília, DF: Embrapa, 2018. 315 p. Título em inglês: Women in Coffee in Brazil.

CONAB. **Séries históricas das safras**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras>. Acesso em: 19 ago. 2021.

CONSELHO DOS EXPORTADORES DE CAFÉ DO BRASIL. **Relatório mensal**. Disponível em: <https://www.cecafe.com.br/publicacoes/relatorio-de-exportacoes>. Acesso em: 19 ago. 2022.

FAO. **Women in agriculture**: closing the gender gap for development. Rome, 2011.

FORBES. **Lista Forbes “50 grupos de mulheres do agro Brasil”**. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesagro/2022/10/lista-forbes-50-grupos-de-mulheres-do-agro-brasil>. Acesso em: 28 nov. 2022.

FORBES. Lista Forbes das 100 mulheres poderosas do agro.

Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesagro/2021/10/100-mulheres-poderosas-do-agro>. Acesso em: 22 ago. 2021.

IBGE. Censo agropecuário 2017: resultados definitivos. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/resultados-censo-agro-2017.html>. Acesso em: 28 nov. 2019.

Literatura recomendada

AMAZÔNIA: terra dos Robustas finos e mulheres fortes. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/48863149/artigo---amazonia-terra-dos-robustas-finos-e-mulheres-fortes>. Acesso em: 22 ago. 2022.

INSTAGRAM. Mulheres do café de Rondônia. Disponível em: <https://instagram.com/mulheresdocafederondonia?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 22 ago. 2022.

IWCA BRASIL. Aliança Internacional das Mulheres do Café. Disponível em: <http://iwcabrasil.com.br/iwca>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MULHERES são protagonistas na produção de café de Rondônia. Disponível em: <https://globo.rural.globo.com/Noticias/Agricultura/Cafe/noticia/2019/10/mulheres-sao-protagonistas-na-producao-de-cafe-de-rondonia.html>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MULHERES seguem campeãs do Concurso de Qualidade de Rondônia. Disponível em: <https://dominiorural.com/mulheres-seguem-campeas-do-concurso-de-qualidade-de-rondonia/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

PROJETO FLORADA. Disponível em: <https://projetoFlorada.com.br/florada/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

PROJETO TRIBOS. Disponível em: <https://projetotribos.com.br/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

REVISTAS CAFÉS DE RONDÔNIA. Disponível em: <https://www.embrapa.br/rondonia/cafes-de-rondonia>. Acesso em: 22 ago. 2022.

ROBUSTA Amazônico é caso de sucesso na cafeicultura nacional. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/48939353/robusta-amazonico-e-caso-de-sucesso-na-cafeicultura-nacional>. Acesso em: 22 ago. 2022.



Embrapa

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA E
PECUÁRIA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



CGPE 18337